

Rastros e alcance da memória social através da história oral: pós-memória da hanseníase – Pará/Ceará

ARTIGO

Gisafran Nazareno Mota Jucáⁱ

Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

O presente artigo trata de um problema social, ainda presente atualmente: o estigma da Hanseníase. O conteúdo trata da apresentação de um projeto de pesquisa elaborado para um estágio de pós-doutorado de nossa autoria. Nossa discussão destaca em especial a transdisciplinaridade, a história cultural e a história oral como opções metodológicas. Debruçamo-nos sobre o imaginário e a história cotidiana em busca do valor da memória social acerca da problemática da hanseníase nos descendentes daqueles acometidos por esta doença no Ceará e no Pará. Esperamos como resultados desta pesquisa conseguir formular uma melhor compreensão acerca das contradições sociais que atingem não apenas os hansenianos, como também os seus descendentes.

Palavras-chave: Hanseníase. História Oral. História Cultural.

Traces and scope of social memory through oral history: post-memory of leprosy – Pará/Ceará

Abstract

This article deals with a social problem that is still present today: the stigma of leprosy. The content is a presentation of a research project developed for our post-doctoral internship. Our discussion highlights transdisciplinarity, cultural history and oral history as methodological options. We look at the imaginary and everyday history in search of the value of social memory about the problem of leprosy in the descendants of those affected by the disease in Ceará and Pará. We hope that the results of this research will provide a better understanding of the social contradictions that affect not only leprosy sufferers, but also their descendants.

Keywords: Leprosy. Oral History. Cultural History.

1 À Guisa de Introdução

Na história oral, como opção metodológica, mesmo deixando indicado um corte temporal bem justificado, os depoimentos prestados por pessoas entrevistadas costumam ir além de um período indicado. Afinal *a memória individual ou coletiva* (Halbwachs, 2006) vai bem além, rompendo barreiras que poderiam diluir a associação indelével entre o

ontem e o hoje. É impossível dissociar uma temporalidade escolhida do *continuum*¹ da História, em especial quando se recorre às revelações mnemônicas de testemunhos indicados. Embora não consigam *resgatar*², como se costuma afirmar, o que parecia perdido, sabem reconstruir um passado remoto ou até imediato em uma dimensão mais ampla, através do enlace contínuo do enredo narrado e de uma temporalidade reconstruída.

Minha escolha temática se deu porque, ao longo da minha trajetória, no colégio, uma aluna da quarta série ginásial se tornou minha namorada e, hoje, minha esposa, compartilhando mais de cinquenta anos de casados. Uma ocorrência que, pela tradição machista, poderia se afigurar como banal, talvez apenas uma das possíveis “paqueras” de um jovem professor. No entanto, a realidade vivida teve outra projeção, com um significado embasado em *representações* simbólicas, geradas no enlace contínuo do *imaginário*³ e a realidade vivida.

O produto da longa experiência vivida já se projetara em uma publicação, de minha autoria e de uma mais amiga do que colega de trabalho (Jucá e Lima, 2016). Nosso intuito foi tornar pública uma narrativa bem fundamentada acerca dos problemas e dilemas enfrentados pelos hansenianos e seus descendentes, incluindo os testemunhos de profissionais da saúde lotados na antiga Colônia de Antônio Diogo, localizada no município de Redenção, no Ceará.

Nessa primeira pesquisa, os entrevistados foram hansenianos, seus filhos e filhas, um médico e uma médica, além de uma enfermeira especial, a eles dedicados. Na presente proposta, decidimos nos ater aos filhos e filhas e aos possíveis netos e netas do “temido mal” para melhor compreender o processo educativo destinado ao amparo deles. Além disso, buscamos indicar os contrastes entre os objetivos propostos e os discursos

¹ Acerca da dinâmica da História versus o evolucionismo e o sonhado progresso, é importante conhecer a recusa de Walter Benjamin *do método genético causal* (Benjamin, 2006, p. 1156).

² Em geral, o uso do termo resgate se tornou comum nas referências historiográficas, mas não se deve esquecer que nenhum passado pode ser resgatado, uma vez que sempre foi e continuará sendo reconstruído pelo observador de um presente distante.

³ Para uma compreensão do alcance do termo imaginário, e contra “os velhos neopositivismos unidimensionais e totalitários”, recomendo Durand, Gilbert (2012).

proferidos, bem como o "o poder disciplinar" imposto, em comparação aos resultados sociais concretos registrados⁴.

2 Em busca de uma análise transdisciplinar

3

Dada a dimensão da temática do estudo proposto, a hanseníase não deve ser limitada a um determinado *espaço* geográfico ou temporal. Para melhor compreensão dos problemas decorrentes de uma educação mutilada, sem o apoio familiar, recorreremos ao conceito de *espaço* concebido como simbólico, conforme definido por Certeau (2016, p. 202), o efeito produzido por operações que o orientam, circunstanciam, temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais.

Recorreremos ao uso da história oral como *opção metodológica*⁵. Mesmo concentrando-nos em dois municípios, um do Pará e outro do Ceará, os pontos-chave das práticas vivenciais nos remetem a um cenário mais abrangente, envolvendo a ligação contínua entre o ontem e o hoje⁶, na busca de compreensão de um amanhã indefinido, porém não dissociado da relação entre *memória e Identidade*, procurando compreender "a memória das tragédias como recurso identitário" (Candeau, 2011, p. 151 – 156).

Podemos divisar, no campo da História da Saúde e das Doenças, a agudeza dos problemas advindos com a imposição do sistema colonial, que se perpetuariam ao longo dos séculos. E no rol do gradativo do índice de mortalidade passou a figurar, de forma contínua, a perda de vidas de recém-nascidos e de crianças mal assistidas.

O cenário de propagação de doenças, como a hanseníase, nos faz ultrapassar os possíveis limites temporais, afinal para que possamos entender a sua dimensão social, é essencial adotar um olhar retrospectivo. Devida a tal constatação, na busca de uma melhor

⁴ Para uma melhor compreensão acerca do conceito de "Poder", vide *Michel Foucault: conceitos fundamentais* / editado por Dianna Taylor, tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, p. 21 – 94.

⁵ Para mais sobre o assunto, vide Amado & Ferreira, 1998, f. VII a XXV.

⁶ A temporalidade não deve ser reconhecida como uma projeção subdividida em passado, presente e futuro, mas como uma associação contínua registrada ao longo de um processo histórico contínuo.

análise dos dilemas surgidos, percebemos a interrelação entre uma macro e uma micro história (Ginzburg, 2007). Mesmo com o caráter isolacionista e repressor aos atingidos pelo temível “mal de Hansen”, o sentido da sua propagação nos remete a um processo histórico bastante abrangente. O dilema que se revelava tanto no Pará quanto no Ceará não tinha fronteiras, tendo como marco definidor, em relação ao Novo mundo, a implantação do sistema colonial, embasado no modo de produção escravista.

Tratar de doenças contagiosas se projetava como uma possibilidade apenas de amenizar o dilema, com uma proposta assistencial limitada, mais voltada à defesa dos interesses das camadas sociais superiores, que se posicionavam através de uma sólida defensiva ante a ameaça dos males surgidos. No entanto, a simbologia imaginária da hanseníase, para muitos compreendida como um “castigo dos céus”, revelava uma representação distorcida da realidade, mantida pela força das tradições na memória coletiva.

Conforme deixamos explícito desde o princípio de nosso projeto de pesquisa, a associação entre *uma História Comparada e a História Oral* se revela como uma trajetória a ser percorrida não em um curso retilíneo, mas na condição de vias que se entrecruzam, com outras rotas e fontes, como as pesquisas de pós-graduação já realizadas no Pará e no Ceará. Com o intuito de não deixar o ponto central de nosso estudo por demais em aberto, indicamos como ponto central da nossa pesquisa ouvir e dar voz aos filhos e ou netos de hansenianos. Através de seus depoimentos, buscamos revelar o real significado não apenas das práticas educativas que lhes foram impostas, no decorrer da assistência educacional prestada, mas também a carência psicológica gerada neles, fruto da perda irreparável perda do amparo familiar.

Os estudos produzidos tanto no Pará quanto no Ceará (Silva, 2009, p. 43), selecionados como espaços representativos do nosso projeto, nos revelam o contraste entre as proposições assistenciais elaboradas e os resultados socioculturais projetados no cotidiano. Sem o intuito de desmerecer a produção acadêmica registrada, concentrada na interrelação entre a História Social e Política, no campo da educação, nos propomos ir um pouco mais além, debruçando-nos sobre a expressão dos sentimentos,

comportamentos e “valores e estados psíquicos” (Lawrence, 2013), características das análises produzidas não apenas no campo exclusivo da psicologia, mas também, atualmente, bem latente no campo da História Cultural. Tal indicação nos remete, mais uma vez, ao sentido *da transdisciplinaridade*, que nos revela que “o social não é um processo claro e unívoco”. Ele sempre se projeta não apenas como uma realidade compacta, mas também na projeção do imaginário em suas múltiplas representações, que tentam simplificar o que parecia complexo e de difícil compreensão.

Em relação à escolha do Pará como outro campo de pesquisa, além do tradicional elo entre a sua História e a do Ceará, decorrente do processo migratório gerado pelo processo de exploração da borracha, há também traços comuns. Esses traços são visíveis mesmo na atualidade, frutos dos dilemas sociais sem fronteiras, como o índice de pobreza e subemprego, decorrentes de uma concentração de renda e da carência de recursos em órgãos assistenciais e educativos. Esses órgãos, embora tenham objetivos definidos, não possuem condições de atender aos objetivos indicados. E quanto mais complexo o quadro social, mais se revela uma dissociação contínua entre escolas, famílias e o Estado.

Sem deixar à margem os desafios do cotidiano compartilhado por hansenianos, decidimos nos concentrar nas práticas e experiências compartilhadas por filhos e netos de hansenianos, dentro e fora das escolas. Apesar da assistência social gradativamente ampliada, o ponto chave do dilema permaneceu indelével. Prevaleceu o não atendimento compatível com as exigências sociais, numa contradição contínua entre o que poderia ou deveria ser feito e os resultados advindos de uma modalidade de formação educacional obtusa, privada de recursos e, sobretudo, de uma possível superação da emblemática carência de afeto e atenção familiar, impossível de ser superada. O resultado concreto do eterno dilema da ausência de aconchego familiar se revelava de forma contínua nas relações sociais compartilhadas no cotidiano, sempre demonstrativas dos resultados da falta de um autêntico apoio familiar que pudesse ser concebido de forma espontânea, sem imposições coercitivas de um rígido controle social.

A concentração de renda ainda hoje constitui um estorvo à superação dos desequilíbrios sociais. No entanto, a ação assistencial do Estado tem diminuído,

agravando o tratamento da saúde pública e das doenças contagiosas. Apesar da persistência de sérios entraves nos serviços prestados pelo SUS, ainda assim consegue amenizar o agravamento da contínua deficiência assistencial. Como observa um médico sanitarista:

O Sistema Único de Saúde (SUS), por exemplo, é mais do que um símbolo da redemocratização brasileira e da ampliação dos direitos da nossa população. Mas apesar dos avanços, ainda enfrentamos desafios. Nosso sistema de saúde, em muitos aspectos, permanece fragmentado e reativo, com as doenças crônicas não transmissíveis dominando o cenário (Madeira Neto, 2023, p. 18).

Mesmo ante os dilemas decorrentes de uma infraestrutura social carente, na última década, a situação se tornou menos emblemática no Ceará, com a implantação de novas medidas propícias a uma maior assistência à infância. A ex-primeira-dama do Ceará, Onélia Leite Santana, atualmente Secretária de Proteção Social, do Estado, vem dedicando-se ao Programa “Mais Infância Ceará”, criado para desenvolver a política nacional para a chamada “primeira infância”, instituída pelo Conselho de Desenvolvimento Econômico Social e Sustentável, ligado ao programa assistencial do Bolsa Família. Assim, uma nova fonte de recursos assistenciais emergiu com a instituição do chamada “Benefício Primeira infância”, expresso em um adicional de R\$ 150,00 para 8,9 mil crianças de zero a seis anos. O eixo estratégico do programa Mais Infância foi a criação de centros de educação infantil. O Governo instala o equipamento e a manutenção fica a cargo dos municípios.

A inspiração para tal medida nasceu de uma experiência de resultados positivos posta em prática pelo Governo do Ceará. Cada família extremamente pobre passou a receber 100 reais por mês. Para avaliação do trato paternal com os filhos, é apresentada a seguinte pergunta: “Você já beijou seu filho hoje?” e a resposta é incisiva: “Não. Macho não beija macho ... A minha obrigação é só botar o pão de cada dia na mesa.”

A opinião da Secretária Onélia Santana constitui uma definição precisa de uma meta assistencial promissora: “a primeira infância é o chão que nós pisamos durante toda nossa vida”. Dos 0 aos 5 anos e 11 meses, que é justamente o período da primeira infância, é o período mais importante do ser humano, onde o cérebro do bebê está em

pleno desenvolvimento, e onde nós adquirimos as nossas potencialidades (Páginas Azuis, Jornal O Povo, 09 out. 2023, p. 6 e 7).

Esse comentário nos remete à argúcia da pediatra e psicanalista francesa, dedicada à psicanálise infantil, Françoise Dolto, que nos ajuda a compreender a dimensão e o significado do enlace materno e filial desde as suas raízes, do desenrolar da gestação até o desabrochar da subjetividade. Para ela, *tudo é linguagem*, o que expressa o valor do uso da palavra como forma de expressão, especialmente na infância, o ponto de partida de um delineamento psíquico de cada um de nós. O vazio criado no interior de uma criança solitária, que desde cedo tem necessidade de se comunicar, gera um *modus vivendi* mutilado, marcado pelo peso da solidão, bem expresso na própria fisionomia. A carência afetiva de uma criança solitária se expressa em seu próprio olhar, sempre tristonho, como se não conseguisse apagar uma mancha embaçada que impossibilita uma visão multiforme. Na sua análise,

Essas crianças [muito solitárias] são como sacos que aceitam qualquer conteúdo: elas tomam tudo, isso lhes é indiferente. Elas vivem uma vida tão imaginária que não têm mais nada a ver com os humanos, sua linguagem foge às palavras humanas. (Dolto, 2018, p. 12).

O apoio familiar é insubstituível, pois

O ser humano é marcado pelos contatos verdadeiros que manteve com o consciente e o inconsciente das pessoas que viviam à sua volta, a mãe em primeiro lugar, o pai, e as primeiras pessoas que faziam o papel do outro da sua mãe. (Dolto, 2018, p. 30).

E quanto aos filhos e às filhas de hansenianos, que desde o primeiro dia de vida foram desgarrados do enlace familiar, privados de um insubstituível afeto materno, que estado de espírito foi gerado por essa castração afetiva? Não se deve generalizar um estado de espírito como se fosse homogêneo, afinal, *a subjetividade* é a marca indelével de cada um de nós. A maneira de ser e de agir é diferenciada mesmo em irmãos gêmeos, mas assim como há uma memória coletiva, o sofrimento dos que cresceram sem família se projeta como uma perda peculiar a todos eles. As respostas almejadas nos serão dadas por cada um dos filhos de hansenianos.

Mesmo com medidas concretas e dignas de reconhecimento, o problema da assistência à infância carente é muito insuficiente. Como comprovação, basta recorrer aos dados do IBGE, que mostram um elevado índice de crianças desnutridas; isso se falando acerca da saúde pública, e em relação aos desassistidos de um apoio familiar, certamente o índice se projeta com uma densidade muito mais elevada.

Diante das evidências contínuas, uma indagação nos acompanha: os filhos de hansenianos, atualmente, com a liberação do tratamento domiciliar, estão recebendo a assistência necessária para uma educação infantil adequada? Se a carência de proteção paterna e materna se projeta cada vez mais no cotidiano familiar da classe média, que se omite de participar de forma integral do processo educativo dos filhos, transferindo toda responsabilidade às escolas, a situação nos demais espaços sociais, incluindo as escolas públicas é ainda mais preocupante. A perda gradativa de um real acompanhamento e ativo entre pais e filhos constitui um dilema coletivo. Certamente, devido ao tratamento de hanseníase em família, as relações mantidas com os filhos devem ser afetadas com a constatação de uma doença que não deixou de ser enigmática.

As entrevistas programadas nos permitiram melhor compreender a velha questão. O problema maior atualmente é “*A Família em Desordem*” (Roudinesco, 2003), nos mais diversos espaços sociais, o que revela a abrangência de um dilema. As transformações registradas, mais do que nunca, põem por terra o modelo idealizado, ao longo dos séculos, da família sempre unida e acolhedora, que não é mais projetada como a “célula básica” da sociedade.

Quando nos voltamos para as recentes publicações a *História das Crianças*, que representam um avanço em opções temáticas na atualidade, mesmo assim observamos lacunas que merecem ser preenchidas. Na obra organizada por Del Priore (2021), dos 15 capítulos, apenas três, indiretamente, parecem se aproximar da nossa proposta de estudo. Dois espaços são configurados no trabalho de Aldrin Moura, “o universo doméstico” e “o mundo da rua”, onde se projetam “muitas formas de sociabilidade que se entrecruzam”. Já o terceiro espaço é de Edson Passetti, em sua abordagem, afirma que na atualidade “[...] muitas crianças e jovens experimentaram *cruidades inimagináveis*. Crueldades

geradas no próprio núcleo familiar, nas escolas, nas fábricas, e escritórios, nos confrontos entre gangues, *nos internatos ou nas ruas*, entre traficantes e policiais” (p. 347).

Se associarmos os temas desses dois trabalhos ao nosso estudo, percebemos como as práticas cotidianas dos filhos de hansenianos se entrecruzam com as experiências narradas por esses dois autores. Afinal, os “problemas plurais” manifestos nos mais diversos espaços ocupados por crianças, também se revelam presentes no cotidiano dos filhos de hansenianos. Seja em casa ou nas ruas, as crueldades não são apenas estampadas a olho nu, mas a dor da carência afetiva familiar se projeta como uma manifestação de *crueldades inimagináveis*, transfiguradas em banalidades. No entanto, essas banalidades se configuram em uma projeção muito mais abrangente: o inconsciente dos desassistidos. O curso de práticas cotidianas e assistenciais em relação à hanseníase constitui uma longa trilha de experiências compartilhadas, demonstrativas dos limites e da precariedade dos órgãos públicos no trato com os desafios que permanecem sólidos, impossibilitando um bem-estar coletivo.

Como o problema da saúde pública é uma realidade concreta nos mais diferentes espaços, seja no Norte, Nordeste ou em qualquer outra região brasileira, não podemos menosprezar a assistência social contínua de órgãos oficiais, sejam nacionais, regionais ou estaduais. Mesmo assim, a situação crítica não consegue ser superada. De acordo com um comentário de um ex – deputado estadual do Ceará, de dez crianças pobres no Ceará, dez são subnutridas.

Nessa simbiose entre o possível e o impossível, o almejado e o obtido, a situação dos filhos de hansenianos se apresenta em forma de uma endemia, agravada por uma subnutrição latente, uma subnutrição afetiva que não deve ser considerada apenas no sentido de um ressarcimento material. Mais aguda ainda é a ausência de um amor familiar, sem o qual as razões de viver perdem o sentido representativo de um modelo de equilíbrio interior desejado diante da realidade cotidiana e de sua significação.

Nos impulsos da temporalidade compartilhada, os espaços que nos são oferecidos ou impostos não devem ser considerados estáticos, de forma categórica, fruto de generalizações que lhes possam ser atribuídas. Mesmo quando limitados por

circunstâncias ou condições impostas, os espaços sociais não se afiguram de forma homogênea, nem se delineiam como locais hermeticamente fechados, uma vez que possibilitam a projeção de diferentes ações e reações. A tomada de posições é decisiva para amenizar os impactos dos desafios cotidianos. A subjetividade não deve ser expressa como uma passividade capaz de amenizar o peso que nos é imposto, mas deve ser configurada como uma tomada de posição, capaz de evitar a submissão total às condições do tempo vivido.

Diante dessas considerações, procuraremos visualizar os filhos e ou netos de hansenianos não como vítimas de um processo fatídico, mas como agentes contínuos, não tão passivos, em diferentes estágios, de ontem e de hoje. A ausência de uma assistência familiar, com um pai ou uma mãe sempre distantes dos filhos, mesmo quando próximos, é algo comum atualmente. O que foi deixado à margem em uma geração, a próxima terá de carregar, no contínuo relacionamento mantido entre o individual e o coletivo.

No processo de acolhimento paradoxal dos educandários destinados a filhos de hansenianos, tanto no Pará como no Ceará, não devemos considerá-los apenas como vítimas de um acolhimento repressor que os tornava sempre passivos. Cada um deles, consciente ou inconscientemente, tinha e tem como peculiaridade a sua *individuação*⁷, uma busca de autoconhecimento capaz de reconfigurar na memória a projeção das experiências compartilhadas.

3 O imaginário e o real na confluência da literatura e da história

Com a renovação teórico-metodológica da História, nas últimas décadas, no esteio de uma “Nova História”, com “Novos Problemas”, “Novas Abordagens” e “Novos Objetos” (Le Goff e Nora, 1976), as tradicionais barreiras foram rompidas e uma aproximação dos campos história e literatura se tornou possível, ampliando o horizonte de estudos no

⁷ Para saber mais ver: “Em busca da individuação” in *100 Minutos para entender Jung..* 2.ed. Bauru, SP: Astral Cultural, 2022. (Coleção saberes), p. 45 – 79.

campo das Ciências Humanas, que se interconectam de uma forma mais interativa. O suporte conceitual dos novos tempos foi buscar o devido apoio na Antropologia. O *Imaginário* passou a ser concebido com novas “condições e [novos] métodos de abordagem” e não mais como algo aleatório, mas projetado como uma “*categoria plástica*” (Wunenburger, 2007), sujeita a múltiplas variações interpretativas, dignas de crédito. O que fora concebido como o antônimo da História, passou a ser reconhecido como uma extensão do saber, expressa na revelação da amplitude de uma interlocução, bem concebida no uso da transdisciplinaridade.⁸

José de Alencar, após concluir o curso de Direito, passou a residir no Rio de Janeiro, onde se tornou conhecido como escritor através de suas publicações nos jornais *Correio Mercantil* e *Jornal do Commercio*. A sua consagração, como escritor, teve como ponto de partida o seu primeiro romance, lançado em 1856, seguido de outros que o consagraram, como *O Guarani*, *Iracema* e *Cinco Minutos*. Além desses, Alencar foi autor de contos, crônicas, ensaios, artigos críticos e peças de dramaturgia. Em 1846, ingressou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e, no ano seguinte, foi residir em Olinda, onde concluiu o seu bacharelado na Faculdade de Direito de Olinda. Quando estava em Pernambuco, escreveu *A Alma do Lázaro*, uma de suas primeiras produções literárias, que só foi publicada vinte e cinco anos depois, junto com *O Garatujo* e *O Ermitão da Glória*, no segundo volume de *Alfarrábios: Crônica dos Tempos Coloniais*.

O livro foi lançado pela Editora B. L. Garnier no Rio de Janeiro em 1873. Os *Alfarrábios* foram o passo inicial na produção do autor, que na época tinha 19 anos, quando residia em Pernambuco. Foi nessa época que ele foi atingido pela tuberculose, que o levaria à morte em 1877. Um ponto comum no enredo dessas publicações é que os personagens principais desses trabalhos eram pessoas marcadas pela solidão e afastados da vida social. A reedição dessa publicação foi uma iniciativa da Professora

⁸ O termo interdisciplinaridade figura mais como um objetivo almejado, mas dificilmente posto em prática, em sua plenitude, sem as amarras tradicionais de cada área do conhecimento humano. É bem diferente do sentido da *transdisciplinaridade*, capaz de romper as rígidas fronteiras interpostas às ciências humanas. Para uma melhor análise, vide PAULA, João Antônio de. (Organizador). *A Transdisciplinaridade E Os Desafios Contemporâneos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

Zilda Maria Menezes Lima, do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE), com o apoio da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Foi lançada em 2011 como uma das obras agraciadas com o Prêmio Otacílio de Azevedo, patrocinador da Reedição. Segundo a Professora Zilda:

12

o que se percebe é que *A Alma do Lázaro* é uma narrativa sem a sofisticação estilística que marca de modo geral o conjunto da obra alencarina. Escrito na primeira pessoa, o enredo chega a ser pueril se forem observados os aspectos estritamente literários e/ou estéticos (Lima, 2011, p. 05).

Nessa *apresentação*, ela prossegue pondo em destaque “o preconceito dos são” contra a temida doença, agravada pela impossibilidade de uma solução, geradora de um drama físico e social. O cenário projetado no romance é o do século XVIII, quando um estudante da Academia de Direito de Olinda encontra um diário escondido no Convento do Carmo e passa a dar voz ao autor do diário, marcado pela dor, desesperança e despersonalização do leproso. Apoiado na memória e argúcia de um pobre pescador, o Tônico, que o acompanhou até o local onde o diário foi enterrado, a fonte encontrada é simbólica e representativa. O enredo do diário se processa em um período de três meses. Somente nas últimas décadas do século XIX no Brasil ganhou vulto o debate que levou ao reconhecimento da doença como um dos mais graves problemas sanitários do país. “O Mal de Lázaro” levou o político Alencar a reconhecer e divulgar uma das questões sociais emblemáticas do seu tempo. O epílogo do romance sintetiza o significado social e psíquico da doença:

Assim termina o canhenho do Lázaro. Expulso do Recife, pela plebe irritada com os últimos sucessos refugiou-se na casa abandonadas de Olinda, onde terminou afinal a imensa e cruel agonia de uma existência nunca vivida, mas tão penada (Alencar, 1873, p. 106).

A morbidez contínua da hanseníase se perpetua na trajetória de um outro personagem, redivivo, Edmundo Nonato, mais conhecido pelo pseudônimo de “Marcos Rey” (Maranhão, 2004), um interno que fugiu de um Educandário em São Paulo e se projetou como um renomado jornalista e escritor. Fugas como a dele não constituíam

maioria dos casos registrados nos Educandários, mas há uma particularidade que merece ser lembrada: por não ser filho de hansenianos, ele sempre contou com o apoio familiar, situação bem diferente dos contagiados pelo mal em séculos anteriores.

4 Socialização de práticas cotidianas na trajetória do tempo

13

Em um tempo mais recente, o da globalização, marcado por paisagens multicoloridas das mensagens e propagandas que implodem a cada instante, os filhos de hansenianos não mais se veem encurralados nos antigos Educandários, uma vez que seus pais estão livres das antigas “Colônias Cadeias” dos Leprosários. À primeira vista, as relações paternas e filiais são imaginadas como mais acordes, com possibilidades de manifestação de afeto e sentimentalismo cordial, diante dos desafios da “Era do Vazio” (Lipovetsky, 2005, p. 31-58) e na projeção de um novo tempo, “O Tempo das Tribos,” quando “a relativização dos valores, uns pelos outros, conduz à *indecidibilidade*” (Maffesoli, 2002, p. 153), o almejado poder de uma autonomia individualizada vai sendo apagado pela perda da socialização, projetada na passividade das massas ante um possível redentor dos desafios contínuos que se entrelaçam (Baudrillard, 1985).

No teatro do cotidiano, observam-se mais espectadores passivos do que atores cientes de seus papéis; por isso, mais uma questão desponta, remetendo-nos a uma associação comparativa, pontilhada de indagações: os filhos de hansenianos estariam compensados atualmente com uma convivência familiar diferente do exílio forçado dos Educandários, ou resquícios do antigo terror da hanseníase ainda mantêm uma sólida barreira entre pais e filhos? Uma definição sintética e representativa foi há pouco lançada, em “*tempo esquisito*”, pontilhado de uma evidência dialética, onde o “isolamento e a pornografia” aumenta o número de “isolados e ansiosos” com a “banalização da maldade”, projetando um mundo marcado por ressentimentos e crueldades (Kehl, 2018, p. 35 – 42 e 43 – 46).

Outra pergunta emerge de forma associativa: diante de uma realidade muitas vezes aflitiva, no cotidiano dos filhos de hansenianos, sempre marcado pela ausência de um apoio familiar, os sonhos foram apagados por completo ou as recordações possíveis

podem servir de apoio à reconfiguração das emoções projetadas nas lembranças advindas? As revelações simbólicas dos sonhos, submersas no inconsciente, podem propiciar explicações sobre o amálgama de evidências e incongruências que se projetam na memória, através da tentativa de recomposição do que parecia perdido.

Para Freud, “O sonho é a realização do desejo”. O sonho não representa apenas a projeção de fatos ou evidências de um passado recente; as recordações da infância ou mesmo da juventude se fazem presentes nos sonhos, envoltos em imagens, lugares e pessoas que pareciam perdidos no tempo. O que parecia sem importância de repente ressurge: as coisas insignificantes e fragmentos do passado são projetados no presente através dos sonhos, quando as impressões infantis que pareciam perdidas vão ressurgindo (Freud, 2020).

O reconhecimento do valor do sonho não se ateu ao pensamento freudiano ou aos demais representantes da psicanálise. O mundo onírico dos Yanomani, antes não valorizado pelos etnólogos, passou a ser reconhecido pelo senso argucioso de Hanna Limulja, que mergulha em profundidade no significado dos sonhos. Na relação entre a fala e o sonho, para os Yanomani:

Independentemente do que um sonho venha a significar, esse sentido jamais é dado arbitrariamente ou ao bel prazer do sonhador. O sonho vem ao mundo pela linguagem, ao ser contado, senão permaneceria como realidade virtual e, portanto, não poderia se dar por completo. (Shamdasani, 2001, p. 100).

Se os sonhos têm um significado simbólico em diferentes temporalidades, nas entrevistas abertas com os filhos de hansenianos, pretendemos recorrer às suas narrativas a respeito dos sonhos que porventura possam ter uma representação reveladora. Para cada um dos depoentes, as evidências contidas nas lembranças projetadas, seja com enredos bem estruturados ou em projeção de lembranças parciais, às vezes concebidas como se não tivessem importância alguma, podem revelar aspectos significativos. De acordo com os diálogos mantidos, essas revelações representativas poderão nos proporcionar uma melhor compreensão das experiências evocadas.

Diante da dimensão reveladora da hanseníase, em *espaços e práticas* definidoras do sistema educativo dos Educandários, deve haver algo mais do que um *inferno simbólico*, derivado das normas e práticas repressoras da educação ali imposta, assim definido por Jung:

O inferno é quando sabeis que todo o sério que tendes em vista com relação a vós também é ridículo, que todo o delicado também é bruto, todo o bom também é mau, todo o alto também é baixo, que todas as obras boas também são más (Shamdasani, 2001, p. 100).

Ao recorrer a esse pensador, o conceito de inconsciente nos permite melhor compreender as experiências nem sempre perceptíveis, seja em um inconsciente pessoal ou em *um inconsciente coletivo*. Nas suas palavras,

Podemos distinguir um inconsciente “pessoal,” que engloba todas as aquisições da existência pessoal, tais como o que se esqueceu, o que se reprimiu, o que foi percebido subliminarmente, o que se pensou e o que se sentiu. Entretanto, ao lado desses conteúdos psíquicos pessoais, há outros conteúdos, que não tem origem nas aquisições pessoais, mas numa possibilidade de funcionamento psíquico que foi herdada, ou seja, na estrutura hereditária do cérebro. São as relações mitológicas, os motivos e imagens que, independentemente de uma tradição ou migração histórica, podem ressurgir em qualquer lugar a qualquer momento. Esses conteúdos eu denomino “inconsciente coletivo” (Wunenburger, 2007, p. 66-67).

Apoiando-nos nessa dimensão conceitual, indicamos como hipótese de nossa pesquisa a seguinte assertiva: se toda família tem os seus segredos, os segredos daqueles “sem família,” enraizados em “o que se reprimiu” devido à ausência do amparo paterno e materno, pesam muito mais forte ao longo de suas vidas. A história da hanseníase sempre esteve envolta na força do imaginário, aqui compreendido não como uma fuga da realidade, mas “em seu duplo aspecto”:

O imaginário é o espelho de nossas emoções, aquilo que em nossas imagens refletem de fato o estado do nosso corpo, de nossa constituição neurobiológica segundo vocabulário atual: por outro lado, o imaginário excita em nós ressonâncias interiores de prazer e desprazer, pois uma imagem mental, assim como uma realidade externa, pode provocar efeitos sobre a sensibilidade, agir sobre o humor, fazer nascer sentimentos de tristeza ou de alegria. (Wunenburger, 2007, p. 66-67).

Embora os historiadores reconheçam a diferença entre história e memória, há uma associação contínua desses dois conceitos. A reflexão de Jung nos remete ao alcance da

Memória, segundo Halbwachs, em toda a sua projeção, seja a *Memória Individual* ou a *Memória Coletiva*. Ele destacava que toda memória era estruturada em identidades de grupo, colocando em realce a constituição coletiva da consciência social, deixando a consciência individual atrelada à força do coletivo. É como se a consciência coletiva se afastasse da maneira concreta de pensar de cada pessoa entrevistada. A perspicácia em descobrir tal restrição se apresenta no comentário de James Fentress e Chris Wickham, que preferem a expressão “memória social” ao invés da “memória coletiva”:

[...] um importante problema que se depara a quem quer que pretenda seguir Halbwachs [...] é o de elaborar uma concepção de memória que, sem deixar de prestar plena justiça ao lado do coletivo da vida consciente de cada um, não faça do indivíduo uma espécie de autômato, passivamente obediente à vontade coletiva interiorizada (Halbwachs, 1990, p. 81 e Fentress & Wickham, s.d., p. 7.).

Diante dessas duas versões, outra indagação merece ser apresentada: qual delas é a mais cabível a nosso estudo? Em se tratando da busca de um elo contínuo entre o individual e o social, as experiências vivenciadas pelos filhos e netos de hansenianos, a expressão de uma memória coletiva pode ser demonstrada nas experiências por eles compartilhadas. No entanto, ante o impacto das barreiras que lhes foram impostas no decorrer de suas experiências, também marcadas por uma competição em busca de melhorias, a representação dos confrontos e embates se expressa melhor através de uma memória social.

Outro conceito revelador de um quadro psicossocial mais abrangente, sempre presente no cotidiano dos filhos ou netos de hansenianos, é o *tempo*, também redefinido por diversos autores, mas que comungam de uma mesma constatação: apesar dos momentos diferenciados ou distanciados, há um elo entre o ontem e o hoje, e o amanhã, apesar das súbitas ou indesejadas mudanças. Para Nobert Elias, “tempo” é um símbolo conceitual de uma síntese em vias de constituição, isto é, de uma operação complexa de relacionamento de diferentes processos evolutivos. Ele acrescenta:

Como dissemos, as linhas de demarcação entre passado, presente e futuro modificam-se constantemente, porque os próprios sujeitos para quem um dado acontecimento é passado, presente ou futuro se transformam, ou são substituídos por outros. Eles se transformam individualmente, no caminho que os conduz do

nascimento à morte, e coletivamente, através da sucessão das gerações (e de muitas outras maneiras) (Elias, 1998, p. 41 e 65).

Para reforço de nossa análise, recorremos a Beatriz Sarlo, que cunhou o termo “pós-memória” (Sarlo, 2007) para melhor compreender o impacto da repressão militar da Argentina nas famílias dos presos políticos, que perdiam seus filhos recém-nascidos, encaminhados a casais que quisessem adotá-los. Assim, delineava-se uma distância não rompida, entre pais perdidos e pais escolhidos de acordo como as decisões tomadas pelos representantes da repressão política e militar. Decidimos usar esse conceito não da mesma forma que a referida autora apresenta, portanto, diferenciado em seu significado: no caso das famílias dos hansenianos, houve possibilidades de os netos também conhecerem seus avós, embora de forma diferenciada em cada família envolvida. Contudo, como eles não tiveram uma aproximação maior como hansenianos, as suas narrativas se apresentam de uma forma peculiar, dependendo dos contatos mantidos ou não possibilitados, representando uma distância maior entre eles do que a da esporádica relação de hansenianos com seus filhos.

Numa tentativa de romper as amarras que levam a ao isolamento das áreas do conhecimento no campo das Ciências Humanas, partindo do uso da História Cultural associada à História da Educação Comparada, não podemos elaborar uma análise reveladora através do nosso estudo sem recorrer aos rastros e liames da psicanálise. Esta não deve ser compreendida em um sentido formal, mas sim através das revelações espontâneas geradas na troca de experiências.

Há duas produções acadêmicas bem fundamentadas acerca da Hanseníase no Pará, ontem e hoje (Silva, 2009). Elas não permitem melhor compreender o contraste entre as proposições assistenciais elaboradas e os resultados socioculturais advindos, gerados pelas condições e contradições entre os discursos proferidos e as realidades registradas no cotidiano. Essas análises me fazem compreender como a “biopolítica” (Foucault, 1999, p. 291), gerada desde o século XIX, se perpetuou ao longo do século passado, no entrelaçamento entre poder, liberdade e subjetividade (Taylor, 2018).

5 Metodologia proposta

A coleta de depoimentos de filhos e/ou netos de hansenianos no Ceará e no Pará terá como base a aplicação da História Oral como opção metodológica. Não pretendemos menosprezar o uso de fontes escritas, pois estas são indispensáveis. No entanto, consideramos essencial o uso da *história oral* como opção metodológica, pois os entrevistados serão os principais agentes do processo histórico que estamos analisando. O conteúdo é transmitido por meio das entrevistas, cujos agentes são fontes que falam e dialogam em um “*tête-à-tête*” entre entrevistador e entrevistados.

Outro ponto a ser destacado é que, fugindo da tradição de grande parte dos historiadores, não teremos a preocupação em indicar o período estudado através de datas precisas pra um corte cronológico fixo, afinal o conteúdo extraído de entrevistas tem uma temporalidade bem mais expressiva. O ontem e o hoje, em busca de uma amanhã, não podem ser delimitados somente através de datas fechadas, considerando o *continuum* do tempo, conforme reconhecido Nbert Elias. Todavia, surge uma outra questão: essa cronologia não entrecortada por imprevistos ou impulsões sociais, o que ela significa?

Não pretendemos nos amarrar a datas, mas situar os entrevistados no curso da temporalidade, onde o passado se projeta no presente, na busca de um futuro menos opressor. Pelo levantamento efetuado, os filhos de hansenianos estão numa faixa de sessenta a setenta anos e os netos numa média de trinta a quarenta anos. Nesse amálgama do ontem com o hoje, “o ritmo de vida” pesa forte, “do eu ao *self*” onde um “[...] inconsciente coletivo se estrutura em torno da luminosidade dos arquétipos”, numa espécie de imposição de uma “teoria da relatividade social”, onde “[...] o emocional torna-se moeda corrente” (Maffesoli, 2007, p. 105 – 175). E o “poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada [...] das outras formas de poder [...]” (Bourdieu, 2001, p. 15) presente em espaços sociais, espaços de diferenças (Bourdieu, 1995, p. 27).

As trajetórias dos filhos e netos de hansenianos representam um processo de *longa duração*, indicado pelo historiador Fernand Braudel (1972), que liderou a Escola dos Annales, do pós-guerra até o início dos anos setenta do século XX. A partir daí, uma

terceira fase dessa Escola surgiu, a chamada Nova História, voltada para explorar “novos temas” e “novas abordagens”, com “novos agentes” antes não reconhecidos, fugindo àquela ideia de uma longa duração (Saviani, 2015, p. 1-9). Surgiu “uma história em migalhas”, seguindo “o fio e os rastros” ante “o “verdadeiro, falso, fictício”, bem expressa pela micro-história italiana (Ginzburg, 2006). Para o historiador francês François Dosse, nessa transdisciplinaridade, descobriu-se uma outra conexão: “A história assim como a psicanálise: uma epistemologia entre a ciência e a ficção.” (Bosi, 2003, p. 15).

Diante dessas mudanças temáticas e metodológicas, surge uma outra indagação: considerando a complexidade da temática *Hanseníase*, onde devemos situá-la: em uma macro ou micro história? No meu entender, as duas trilhas se entrecruzam. A temida doença tem um longo curso, mas uma totalidade temática não foge de fragmentos, de espaços à primeira vista restritos, do cotidiano, mas abrangentes e interconectados através de um *continuum*. A memória é multifacetada, partilhada, com corte e rupturas. Há um misto de realidades e tradição oral, pois “a memória oral é um instrumento precioso se desejamos construir a crônica do cotidiano”.

[...] A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretende tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades. (Bosi, 2003, p. 15).

A adoção da “*História Oral, um espaço plural*” (Montenegro e Fernandes, 2000) como opção metodológica é o nosso intuito, deixando de lado a indicação dos que a consideram uma simples técnica complementar ou mesmo dos que a reconhecem como uma disciplina autônoma. De acordo com a visão de duas pioneiras no uso da História ente nós:

Na história oral, existe a geração de documentos (entrevistas) que possuem uma característica singular: são resultado do diálogo entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo; isso leva o historiador a afastar-se de interpretações fundadas numa rígida separação entre sujeito / objeto de pesquisa, e a busca de caminhos alternativos de interpretação. (Amado e Ferreira, 1998, P. XIV).

Se o uso da História Oral quebra as tradicionais barreiras da temporalidade, indo além de cortes cronológicos de um determinado período, o conteúdo temático estudado vai bem mais além levando o pesquisador a um campo bem próximo à psicanálise.

Ao considerarmos as obras básicas do pensamento de Freud ou de Jung, logo percebemos esse fio conector entre “História e Psicanálise”. Há um vínculo entre “Ciência e Ficção”. (Certeau, 2012). Por isso, na nossa proposta de análise, buscamos compreender não apenas o problema atual da “Família em Desordem” (Roudinesco, 2003), na “Era do Vazio (Lipovetsky, 2005)” e da “Sociedade do Hiperconsumo”, mas “o Sonho Transdisciplinar” (Japiassu, 2006), presente nos depoimentos de filhos e netos de hansenianos, o que nos permite estabelecer uma associação entre um passado não tão distante, a segunda metade do século passado, indo até os dias atuais, na busca das razões e representações dos “Arquivos do Mal Estar e da Resistência” (Birman, 2017) desses “Sujeitos da Contemporaneidade”. Assim, a situação de testemunhas dos sem famílias merece ser narrada ante “[...] o espaço, dor e desalento na atualidade” (Birman, 2017), “à sombra das maiorias silenciosas.” (Baudrillard, 1985).

Realidade e imaginário se afiguram como se fossem polos opostos, mas não são. São almas gêmeas que se associam. As práticas cotidianas deixam marcas indeléveis em cada um de nós. Aquelas compartilhadas por filhos de hansenianos, adultos ou idosos, refletem bem a origem dos seus desejos e de suas angústias. A literatura está carregada de histórias de infâncias sem famílias, em um sentido alegórico, os degredados e as degredadas. E o enredo de produções literárias não é fruto de um simples imaginário. As práticas de hoje têm suas raízes no ontem.

A princípio, duas famílias serão o nosso campo de trabalho, afinal, não é o quantitativo que define a validade de um estudo, mas especialmente o qualitativo, segundo a linguagem formal acadêmica. Prefiro empregar o conceito de *representação*⁹ concebido como algo mais do que um simples significado de uma realidade concreta, mas como uma projeção simbólica de múltiplos sentidos. Afinal, “as lutas de representações têm sua

⁹ “As representações do mundo social [...] embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam.”

importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor sua concepção de mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio.” (Chartier, 2002, p. 17).

Em uma associação contínua entre o ontem e o hoje, nos defrontamos com duas maneiras de ser e de agir dos nossos agentes históricos: os filhos de hansenianos, que compartilharam “[...] a multiplicidade de situações, de experiências, de ações lógicas e não lógicas constituem a *socialidade*” (Maffesoli, 2002, p. 10).

Ainda não consideramos bem pronta a rota a ser seguida na nossa pesquisa. A *memória social* é complexa e/ou contraditória; nela há mais do que uma confluência, talvez um confronto contínuo, revelador do inverso almejado e do realizado. Só nos resta averiguar o sentido das vias, que não são de mão única. Esse é o nosso propósito.

Referências

ABREU, Martha. Meninas perdidas. in DEL PRIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, p.289 – 316, 2021.

ALBERTI, Verena. **Ouvi Contar**. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História Oral**. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BAUDRILLARD, Jean. **À obra das maiorias silenciosa**: o fim do social e o surgimento das massas. 2.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Organização da edição brasileira Willi Bolle et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 2006.

BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 4ª.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BORDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Sobre a Teoria da Ação. 7ª.ed. Tradução Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BOSI, Eclea. **O Tempo Vivo da Memória**. Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. Lisboa: Presença, 1972.

CANDEAU, Jöel. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.

DOLTO, François. **Tudo É Linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. Tradução Fernanda Abreu. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

ELIAS, Nobert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

FENTRESS, James & WICKHAM, Chris. **Memória Social**: novas perspectivas sobre o passado. Trad. Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, s.d.

FIGUEIREDO, Aldrian Moura. Memórias da Infância Na Amazônia. in DEL PRIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 317 – 346, 2021.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre L&PM, 2020.
FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975 – 1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GINZBURG, Carlo. 13. Micro – história: duas ou três coisas que sei a respeito in
GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício.; tradução Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. Tradução de Rosa Frei d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ESPADA LIMA, Henrique. **A micro-história italiana**: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: São Paulo: Centauro, 2006.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota & LIMA, Zilda Maria Menezes. **Memória Social da Hanseníase no Ceará**. Fortaleza: EdUECE, 2016.

KEHL, Maira Rita. **Tempo Esquisito**. 1.ed. São Paulo: Boi Tempo, 2018.

LIMA, Zilda Maria Menezes. Apresentação. In: ALENCAR, José de. **A Alma do Lázaro**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

LAWRENCE, Stone. O retorno da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. In: NOVAIS, Fernando Antônio e SILVA, Rogerio Forastieri da. **Nova História em Perspectiva**. V. 2. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005, p. 31 – 58.

MADEIRA NETO, Álvaro. **O futuro da gestão em saúde**. Fortaleza, *Jornal O Povo*, Opinião. 14 out. 2023.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 3ª ed. tradução de Maria de Loyrdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARANHÃO, Marcos. **Maldição e Glória**. a vida e o mundo de Marcos Rey. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MONTENEGRO, Antônio Torres e FERNANDES, Tania Maria (Orgs.) **História Oral: um espaço plural**. Recife: Universitária; UFPE, 2000.

Páginas Azuis. Onélia Leite Santana. **Quando A Política Olha Para a Infância**. |Social | Secretária fala do trabalho voltado, principalmente, à primeira infância e comenta o convívio com o marido, Camilo Santana in Fortaleza, *Jornal O Povo*, 09 out. 2023.

PASSETTI, Edson. Crianças Carentes e Políticas Públicas. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 347 – 406, 2021.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Família em Desordem**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinda subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SAVIANI, Demerval. Da História do Tempo ao Tempo da História. In: SAVIANI, Demerval **História do Tempo e Tempo da História**. Ensaios de Historiografia e história da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

SHAMDASANI, Sonu. **C. G. Jung**. Uma Biografia em Livros. Tradução de Gentil A. Tittomn. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, José Bittencourt da. **A Ex – Colônia de Hansenianos de Marituba**. Perspectivas Histórica, Sociológica e Etnográfica. Belém, maio de 2009. 43p

TAYLOR, Dianna. **Michel Foucault**: conceitos fundamentais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

WUNENBURGER, Jean – Jacques. **O Imaginário**. Tradução Maria Stela Gonçalves. São Paulo: edições Loyola, 2007.

ⁱ Gisafran Nazareno Mota Jucá, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6240-2262>

Universidade Federal do Ceará; Universidade Estadual do Ceará; Programa de Pós-Graduação em História

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa História e Educação Comparada, da Universidade Federal do Ceará, (PPGEEd / UFC). Professor aposentado do Departamento de História, da UFC e Professor Titular aposentado da Graduação e da Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Ceará, (UECE).

Contribuição de autoria: autor do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0833133979224938>.

E-mail: gisafranjuca@gmail.com

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Jocyléia Santana dos Santos e Neila Barbosa Osório.

Como citar este artigo (ABNT):

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Rastros e alcance da memória social através da história oral: pós-memória da hanseníase – Pará/Ceará. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, e13013, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/13013>

Recebido em 1 de maio de 2024.

Aceito em 26 de maio de 2024.

Publicado em 28 de junho de 2024.